

Ambra, P. (org). (2021). *Cartografias da Masculinidade*. São Paulo: Cult. 123 pp.

ELICIEL FREIRE DE SALLES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD), DOURADOS/MS, BRASIL

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-3323-6194](https://orcid.org/0000-0003-3323-6194)

ELICIELSALLES@HOTMAIL.COM

Organizado pelo professor e pesquisador Pedro Ambra, o livro *Cartografias da Masculinidade* (2021) traz um importante aporte aos estudos sobre os papéis de gênero ao buscar demover os antolhos que encobrem a masculinidade hegemônica e que buscam torná-la “natural”. Não por acaso, Pedro Ambra inicia a obra com uma pergunta que tem perseguido a nós homens contemporâneos e nos causado um zumbido no ouvido e um franzimento no cenho: afinal, o que é o homem? À luz das Ciências Humanas e Sociais, o livro possui um tom provocativo ao apresentar as gradações das masculinidades, desde aquela “frágil”, que precisa ser forjada na bala, até aquela (re)construída pelo emboço de misoginia, racismo, homofobia e transfobia.

A coletânea organizada por Ambra consiste em nove ensaios de autores e autoras cujas vidas foram profundamente influenciadas pelas representações de gênero, não apenas nas teorias acadêmicas, mas também na vida prática: seja por meio da pesquisa e da intervenção com homens com histórico de violência doméstica, seja em *workshops* destinados a discutir as diversas facetas das masculinidades. Na introdução, Pedro Ambra problematiza a noção de homem biológico, definido pelos cromossomos XY, e questiona também sua construção social. Ele propõe a tese da “autoafirmação performática”, alegando que ser homem é um ato de autodeclaração. Além disso, utilizando uma perspectiva lacaniana sobre “lei e exceção”, critica a universalização da máxima que define “homem como todos iguais” e a exceção que permite variações dentro das normas de uma masculinidade supostamente restrita. Dessa

forma, investiga profundamente o significado de “ser homem” em suas múltiplas facetas e a forma como cada indivíduo se relaciona com essas representações do masculino.

No primeiro capítulo, “Masculinidades em territórios de diferença e desigualdade”, Isabela Venturoza nos traz uma reflexão sobre a desigualdade de poder que também se estende aos homens. De antemão, a autora nos situa quanto ao seu lugar de fala, uma vez que não vê óbice em discutir masculinidade sendo mulher, e propõe a pluralização de vozes em vez do silenciamento imposto às mulheres ao longo da história. Na qualidade de pesquisadora de estudos de violência contra a mulher, percebeu que os homens eram frequentemente referidos em terceira pessoa, sem se colocarem como sujeitos em primeira pessoa na discussão, ou seja, não participavam ativamente como entrevistados ou narradores de suas próprias experiências. Venturoza destaca que essa abordagem reforça a existência da masculinidade de forma distante e muitas vezes estereotipada, estreitamente ligada à operacionalização das noções de feminilidade e do que significa “ser mulher”.

No segundo capítulo, “Revisitando Adão e Eva”, Susana Muszkat, autora que por mais de dez anos coordenou grupos de discussão de homens envolvidos em violência contra mulheres, trata da masculinidade violenta em sua eterna busca de completude narcísica às custas de um outro. Para Muszkat, a necessidade de manutenção da dominação de poderes por parte de nós homens, na verdade, só revela a falta deles – a violência praticada pelos agressores tem por corolário o fracasso e a precariedade pessoal, a perda de uma identidade, o que a levou a cunhar a expressão “desamparo identitário”.

Por sua vez, Eduardo Leal Cunha, no terceiro capítulo, intitulado “A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino”, argumenta que a normalização da vida *gay* não apenas desestabiliza o mito masculino, mas também rompe com um modelo privilegiado do que significa ser homem no mundo contemporâneo. Nesse contexto, pode-se estabelecer uma correlação com o quinto capítulo, de autoria de Guilherme Almeida, denominado “Revisitando a aquarela das masculinidades e descobrindo a entreaberta caixa de Pandora”, pois ele compartilha parte de sua própria experiência como homem trans. Segundo Almeida, as pessoas trans, ao desafiarem as normas biológicas com seus corpos, não estão necessariamente isentas de perpetuar a binariedade de gênero, nem têm a obrigação de rompê-la. No entanto, essas identidades de gênero representam uma reconfiguração significativa das masculinidades, oferecendo uma miríade de possibilidades, como homens trans que são portadores de vulvas, podem engravidar, são feministas, *gays* ou bissexuais. Essas múltiplas vivências contrastam com a masculinidade hegemônica ao provocarem e expandirem as fronteiras tradicionais do que é aceito como masculino, implicando em uma revisão profunda das normas e expectativas sociais associadas ao gênero.

No quarto capítulo, intitulado “O negro, o Drama e as tramas da masculinidade no Brasil”, Deivison Faustino dialoga com o brocardo de Frantz Fanon de que “o negro não é um homem, o negro é um homem negro”. De acordo com Faustino, devido ao racismo estrutural, a humanidade dos homens negros tem sido profundamente negada e limitada. Ao investigar se estes são privilegiados ou não na dinâmica de poder, o autor reconhece a complexidade dessa questão. Ele observa momentos em que eles são cooptados pela hegemonia, absorvendo e refletindo os padrões da masculinidade hegemônica. No entanto, Faustino também aborda outras dimensões das vivências dos homens negros, explorando de que modo enfrentam e resistem às opressões raciais e de gênero que moldam suas identidades e experiências. É crucial destacar

esses pontos de convergência entre a masculinidade negra subalterna e o padrão hegemônico, enquanto, no capítulo, também se examina como eles articulam suas identidades masculinas em face das estruturas de poder que historicamente os marginalizaram.

No sexto capítulo, Pedro Ambra, com seu texto “Homens e armas”, discute o decreto sobre a flexibilização da posse das armas de fogo no Brasil, assinado pelo ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro em janeiro de 2019. Nos termos de Ambra, ele é voltado para homens curiosos, frágeis e amedrontados, que buscam uma virilidade perdida e que terão sua macheza disputada à bala, bem como tem o escopo de aumentar o poder dos homens já privilegiados em detrimento das mulheres. Dessarte, o decreto tem muito mais relação com uma política de gênero do que com uma política de segurança, ao contrário do que anunciam seus defensores.

Já no sétimo capítulo, “Sobre homens e centauros: notas sobre as masculinidades contemporâneas”, Fábio Mariano da Silva nos interpela com uma pergunta que faz em sua oficina com homens para discutir masculinidade: afinal, o que é ser homem? Segundo ele, as ideias de virilidade e de um sujeito perfeito vêm da Grécia Antiga, mas a colonização e as estruturas capitalistas despolitizam o corpo e nele põem todo o peso de um fracasso social. Não por acaso, a todo momento corpos de homens negros, orientais, transexuais, *gays*, velhos e gordos se chocam no campo da vida. Assim, ser homem pode ser um conjunto de construções sociopolíticas e culturais, e nesse processo do “ser” ainda estamos à procura de respostas.

No oitavo e penúltimo capítulo, “Padrão, padrão, padrão”, Túlio Custódio traz reflexões sobre duas premissas dominantes no debate público sobre as masculinidades: a primeira enfatiza a necessidade de os homens revisarem seus comportamentos de forma mais expressiva, como em elementos performativos tais quais “quero chorar, quero ser sensível, quero brochar, quero, quero, quero”. Em contraste, a segunda premissa aborda questões relacionais e estruturais de forma mais tímida, por exemplo, o assédio e a violência contra a mulher, muitas vezes justificadas com argumentos como “mas eu sou assim/nem todo homem”. Custódio argumenta que é fundamental adotar um olhar ampliativo, que vá além dessas duas premissas. Ele sugere explorar debates que transcendam os padrões postos, abrir discussões sobre a desconstrução das normas de gênero, a promoção de relações mais equitativas e respeitadas entre os sexos e a rejeição de comportamentos que perpetuam a violência e o machismo. Desse modo, propõe ampliar o entendimento e a prática das masculinidades de maneira mais inclusiva e consciente das dinâmicas de poder presentes na sociedade contemporânea.

Ana Gebrim arremata a obra com o texto “Ser um homem desconstruído: um impasse”, observando que, no passado, ser homem era uma tautologia para “humanidade”. A pesquisadora questiona a masculinidade ressentida do apego às armas, às motos barulhentas e aos carros grandes, então se direciona aos “esquerdomachos” e problematiza a noção atual do que vêm a ser esses “homens desconstruídos”. Ela também formula uma reflexão: “O que fazer com esse corpo que tenho?”, e aponta que a postura acuada em um impasse não é o caminho da desconstrução.

De fato, é imprescindível enfatizar a importância de pesquisas e publicações que abordem as temáticas homens e masculinidades. A aparição da palavra “masculinidades” na ordem contemporânea, cada vez mais usada no plural, nos lembra de que existem muitas formas de ser homem. Portanto, os

sujeitos que sempre estiveram às margens, como os homens negros, indígenas, orientais, transexuais e *gays*, podem contribuir para a ruptura dessa proposta unidimensional.

É preciso dizer ainda que o Estado se mostra conivente com essa masculinidade atravancada pelo mito do “viril”, como no caso do decreto da posse de armas – problematizado por Pedro Ambra – ou como no interior das Forças Armadas estadunidenses. Nesse sentido, há zonas de cidadania parcial, uma vez que até o uso da palavra homossexualidade dentro das instituições militares é inaceitável. Assim, a masculinidade foi historicamente moldada em oposição ao feminino, com as instituições estabelecidas socialmente, como família, igreja, escola e Estado, desempenhando papéis estruturais na sua naturalização.

Em suma, *Cartografias da masculinidade é uma obra* de fácil leitura para pessoas leigas, também é uma fonte importante para os acadêmicos iniciantes de áreas como Antropologia, Sociologia e Psicologia – é necessário ressaltar que a riqueza dos diálogos levantados transcende até mesmo as fronteiras disciplinares das Ciências Humanas e Sociais. Embora os autores não tenham a pretensão de nos dar respostas, o livro nos oportuniza reflexões acerca dos fragmentos e das intersecções das diversas experiências de “ser homem”. Ao longo dos textos encontramos não um mapa das masculinidades, mas sim uma iconografia das fraturas e do lado avesso do “ser homem” diante das encruzilhadas de possibilidades. Oxalá um dia consigamos produzir outra proposta da significação sociopolítica e cultural das masculinidades, talvez quando não olharmos para os outros como infra-humanos, quando não estivermos presos às performances do corpo, quando pudermos fazer uma discussão pré-reflexiva e naturalizada de sujeitos conhecidos como “homens”.

Eliciel Freire de Salles é graduado em Direito pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), especialista em Antropologia e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (PPGpsi/UFGD).

RECEBIDO: 08/08/2022

ACEITO: 21/04/2023

PUBLICADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons BY-NC*